



## É chegada a temporada de praias: com a palavra o rio Araguaia

Eliete Barbosa de Brito Silva <sup>1</sup>

Leandro Mendes Rocha <sup>2</sup>

### Resumo

O presente artigo é resultante do trabalho de campo realizado na cidade de Aruanã-GO. Objetivamos no referido trabalho observar e coletar dados acerca da relação entre os turistas e o rio Araguaia na temporada de praias. O mesmo ocorreu no mês de julho de 2017. Discorremos no corpo do artigo, a partir da perspectiva da História Ambiental e da História Oral, sobre os usos do rio Araguaia no referido período, bem como, sobre os prováveis danos a este causados pela intensidade com que é solicitado pelos turistas. Ressaltamos que o alvorecer do século XX trouxe transformações na prática dos estudos históricos. Assistimos ao alargamento do campo de abordagens temáticas da historiografia. Neste cenário, os grandes e médios rios despontam enquanto sujeitos de análise. Constituíram-se importantes fontes de estudo. Com base nas assertivas, reafirmamos nossa inquietação, qual seja, as consequências advindas da temporada de praias para o sistema rio Araguaia. Assim, ancorados na História Oral, tentamos evidenciar as relações estabelecidas entre os sujeitos desta análise. Para tal, adotamos a metodologia qualiquantitativa. Esta, busca aliar os dados quantitativos e qualitativos do universo amostral no intuito de uma análise global deste. Foram realizadas entrevistas com os moradores da cidade de Aruanã-GO, com os turistas acampados e com representantes dos povos Iny. Estes últimos configuram os mais antigos habitantes do Araguaia. Nossas incursões nos referidos espaços nos levaram a inferir por uma crescente preocupação com a saúde física do rio Araguaia.

Palavras-Chave: História Ambiental; Rio Araguaia; Impactos no sistema rio Araguaia.

---

<sup>1</sup> Mestre em História, doutoranda em História no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás-GO, Brasil. E-mail: [elietebarbosa1@hotmail.com](mailto:elietebarbosa1@hotmail.com)

<sup>2</sup> Doutor em História, professor titular na Universidade Federal de Goiás-GO, Brasil. E-mail: [leandromrocha@uol.com.br](mailto:leandromrocha@uol.com.br)



## É chegada a temporada de praias: com a palavra o rio Araguaia

### Introdução

O homem, desde os primórdios da história buscou sustentação para a sua sobrevivência às margens dos cursos d'água. Não por acaso as primeiras grandes civilizações foram hidráulicas. Nesta lógica, destacamos os grandes rios da história: o Nilo (Egito), o Tigre e o Eufrates (Mesopotâmia), o Jordão (Israel/Palestina), o Indo e o Ganges (Índia), o Amarelo e o Azul (China). Ao longo destes corpos d'água importantes cidades nasceram. A abundância da água e a fertilidade do solo foram garantidores para o sucesso da sedentarização humana às margens destes rios. Assim sendo, os rios são tornados urbanos pela apropriação que deles fazem os sujeitos.

Entretanto, torna-se relevante uma mudança na forma de se conceber e estudar as relações alhures expressas. Neste caso, é importante ressaltar que toda paisagem que nos cerca constitui um documento histórico a ser interpretado. Assim sendo, há que se considerar o homem e o ambiente natural como elementos compositores deste tecido. Acerca da premência em concebermos homem e natureza como parte de um todo, Donald Worster (1991:206) postula:

Poucos cientistas encararam os homens ou as sociedades como partes integrantes dos seus ecossistemas. Eles preferem deixá-los de fora, como digressões ou fatores imponderáveis. Mas os homens são o principal objeto de estudo dos historiadores; conseqüentemente, a tarefa dos historiadores é juntar o que os cientistas separaram. Os seres humanos participam dos ecossistemas tanto como organismos biológicos aparentados com outros organismos quanto como portadores de cultura, embora raramente a distinção entre os dois papéis seja precisa. Aqui basta lembrar que, como organismos, os seres humanos nunca conseguiram viver num isolamento esplêndido, invulnerável. Eles se reproduzem, é claro, como outras espécies, e os seus filhos sobrevivem ou morrem de acordo com a qualidade do alimento, do ar, da água, e com a quantidade de microorganismos que constantemente penetram os seus corpos. Dessas formas e de outras, os seres humanos têm sido parte inseparável da ordem



## É chegada a temporada de praias: com a palavra o rio Araguaia

ecológica do planeta. Portanto, qualquer reconstrução dos ambientes do passado tem que incluir não apenas florestas e desertos, jiboias e cascavéis, mas também o animal humano e o seu sucesso ou fracasso no ato de se reproduzir.

A fala de Worster assinala para uma leitura diferenciada daquela inaugurada pela modernidade. O século XX assistiu ao advento do alargamento dos campos de pesquisa da historiografia. Ao largo destas transformações, vemos inseridos novos objetos de pesquisa, novas abordagens temáticas. A inserção da História Ambiental, enquanto um novo campo da historiografia, decorre deste contexto. Seu surgimento data de meados dos anos de 1970. O desafio proposto é o estudo da natureza vinculada à evolução social dos povos. Em seu momento fundacional havia, no processo de globalização, uma valorização premente das questões ambientais (PÁDUA, 2010).

O mundo encontrava-se em transformação. Inovações tecnológicas, encurtamento das distâncias, estabelecimento de diferentes formas de trabalho, extinção de outras; esgotamento de reservas naturais que se julgavam perenes. Todos os fatos elencados impactavam as organizações sociais de então. Transformavam as relações do homem com a natureza. Nessa perspectiva, de uma história ambiental comprometida com as mudanças de paradigmas, que aproxima homens e natureza, Worster (idem:199) afirma:

A história ambiental é, em resumo, parte de um esforço revisionista para tornar a disciplina da história muito mais inclusiva nas suas narrativas do que ela tem tradicionalmente sido. Acima de tudo, a história ambiental rejeita a premissa convencional de que a experiência humana se desenvolveu sem restrições naturais, de que os humanos são uma espécie distinta e “supernatural”, de que as consequências ecológicas de seus feitos passados podem ser ignoradas. (...) Ela [a história ambiental] nasceu em uma época de reavaliação e reforma cultural, em escala mundial. (...) Nasceu, portanto, de um objetivo moral, tendo por trás fortes



## É chegada a temporada de praias: com a palavra o rio Araguaia

compromissos políticos, mas, à medida que amadureceu, transformou-se também num empreendimento acadêmico (...). Seu objetivo principal se tornou aprofundar nosso entendimento de como os seres humanos foram, através dos tempos, afetados pelo ambiente natural e, inversamente, como eles afetaram esse ambiente e com que resultados.

Por ser um campo novo de saber, a história ambiental encontra-se em expansão e aprimoramento de seus métodos e temas de pesquisa (DRUMMOND, 1991). No Brasil, são ainda poucas as publicações. Entretanto, os trabalhos de Drummond (1991), Martinez (2006), Pádua (2002; 2005), Franco (2003) dentre outros, oferecem suporte para pensarmos as bases teóricas da história ambiental. Esta se propõe a estabelecer o intercâmbio entre os sistemas naturais e os sistemas sociais no decorrer do tempo. Ressaltamos que tal análise deve ser efetuada considerando o contexto histórico e cultural do objeto em estudo. Não se trata mais de ambientar a relação homem/natureza. A história ambiental tem por premissa pensar o homem numa perspectiva de amalgamamento com o meio natural do qual se originará uma nova forma de se relacionar com seu entorno.

Espaço e tempo se encarregarão de acomodar as novas formas oriundas desse amálgama. Não mais domínios separados, mas coparticipes de um mundo em construção. Neste, cada um dos agentes contribuirá para o devir. Assim imersos no movimento de elaboração lhes será facultada a possibilidade de descrever, compreender e compor este mundo emergente. Cada indivíduo – animal, vegetal ou mineral – configura-se compositor deste mundo em movimento (INGOLD, 2011).

Enquanto objeto de estudo, os grandes rios brasileiros, a partir da ampliação do campo de abordagem da historiografia, constituíram-se importantes fontes de estudo. Sua relevância na organização urbana regional e nacional é fator de observância. Também as apropriações simbólicas e/ou concretas destes é fomento para as redes de estudo que se estabeleceram a partir de então. As diferentes formas de uso dos rios, sua contribuição para



## É chegada a temporada de praias: com a palavra o rio Araguaia

o desenvolvimento das comunidades por ele banhadas são elementos constitutivos dos painéis de pesquisa.

O Brasil possui uma malha hídrica abundante. Rios como Amazonas, Negro, Solimões, Tocantins, Araguaia, São Francisco dentre outros; constituíram-se o berçário de importantes cidades. A relação intrínseca com o universo hídrico torna singular a história destes ambientes urbanos. Para sustentação de nossas elucubrações tomamos por objeto de análise o rio Araguaia no curso da cidade de Aruanã-GO. O referido rio encontra-se localizado na bacia hidrográfica que leva seu nome. Esta configura-se um dos mais importantes sistemas fluviais da América do Sul. O rio Araguaia é também o responsável pela drenagem do segundo maior Bioma do Brasil, o Cerrado (MORAIS, 2006). Tendo por berço a Serra do Caiapó, o rio Araguaia é um rio de fronteira. Divide, em sua nascente, os estados do Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás; e em sua foz, os estados do Tocantins, Pará e Maranhão. Percorre, desde a nascente até o desemboque no rio Tocantins, 2.115 km. Forma, juntamente com aquele, a bacia Araguaia-Tocantins.

Ainda discorrendo acerca dos aspectos físicos de nosso personagem, o Araguaia, afirmamos ser este um rio de planície, navegável em quase todo o seu curso. Excetua-se o percurso entre Aruanã e Conceição do Araguaia (MOSS & MOSS, 2007). Além da navegação, o rio em estudo apresenta grande potencial turístico. *A priori*, o turismo no Araguaia concentrava os pescadores amadores, aqueles de finais de semana ou de férias que para aí se deslocavam em busca da farta ictiofauna do rio. Entretanto, a partir da década de 1980, o perfil dos turistas que buscam o rio sofreu alterações. Estes buscam hoje em seu ambiente, além da pesca, a prática de esportes náuticos e os megaeventos organizados na orla do rio Araguaia.

Segundo Souza e Almeida (2002), a atividade do turismo global enquanto um fenômeno de massa desponta no mundo e no Brasil a partir do século XX. Os autores apontam as inovações tecnológicas e a implantação de políticas trabalhistas como fatores que contribuíram para a ampliação da prática. De acordo com suas concepções, tais acontecimentos liberaram tempo no cotidiano desses sujeitos trabalhadores. Com essa



## É chegada a temporada de praias: com a palavra o rio Araguaia

reconfiguração social, o turismo e suas atividades apropriam-se dos espaços determinando o reordenamento destes.

Em Aruanã-GO, município localizado no Vale do Araguaia, é patente a reordenação do espaço social em detrimento das atividades de turismo no rio Araguaia. A cidade, que possui, segundo estimativa do IBGE/2016, 8.945 hab. altera toda a sua lógica urbana em função da temporada de praias no rio Araguaia. É comum pessoas deixarem suas casas e irem residir, temporariamente, com parentes para que suas residências sejam alugadas para os turistas. Outros, adquirem casas de veraneio que são alugadas na temporada.

Os hotéis e pousadas se multiplicam pela cidade. Os pacotes para estadia na temporada são fechados meses antes do início da mesma. A diária nestes estabelecimentos adquire preço diferenciado. De acordo com a época são atribuídos os valores. Chegamos a encontrar três tipos diferentes de tabelas. Na baixa temporada, são praticados preços mais acessíveis. Em contrapartida, na alta temporada, os valores se igualam ou mesmo ultrapassam aqueles de cidades litorâneas. Fato esse que foi ressaltado pelos entrevistados no grupo de turistas enquanto um aspecto negativo.

Toda essa azáfama ocorre com os olhos voltados para o rio. É ele e somente ele quem determinará a logística da temporada. Quando as águas do rio começam a baixar, os “olheiros” já se movimentam para escolher as melhores ilhas, as mais bem localizadas, as maiores em extensão, aquelas que garantirão o sucesso dos acampamentos de férias. Destes acampamentos existem os tradicionais, montados há mais de 30 anos. Alguns são familiares, outros institucionais, outros ainda são particulares e exploram apenas a permanência durante o dia. Não raros, estes acampamentos costumam ofertar áreas de *camping*. Em todos eles uma recorrência, a busca pelo lazer encontra-se diretamente relacionada à existência do rio Araguaia.

A prática de acampar nas praias que se formam na época da seca no rio Araguaia é atividade tradicional que vem sendo praticada há várias décadas. Geralmente, os grupos que compõem o perfil dos que buscam o rio Araguaia para tal atividade, é composto por



## É chegada a temporada de praias: com a palavra o rio Araguaia

membros de uma mesma família ou um mesmo grupo social. Os referidos acampamentos são montados entre os meses de julho e setembro. Acerca do surgimento e organização dos acampamentos nas águas do rio Araguaia, Ramos (2011:14) pondera:

Ao longo do rio Araguaia, nas suas margens e ilhas vem ocorrendo a construção de acampamentos desde, aproximadamente, a década de 1940, compreendidos, principalmente, entre os municípios de Aragarças e São Miguel do Araguaia, povoado de Luiz Alves/GO, nas imediações da Ilha do Bananal. Essa movimentação de lazer decorre do surgimento das praias no período da seca, sendo essa ocupação sociocultural mais intensa no mês de julho, em decorrência do período de férias escolares. A formação das praias extensas, a facilidade de acesso por vários municípios, as belezas cênicas da paisagem local compostas por elementos ecológicos da fauna e da flora e as águas piscosas colaboraram para que as temporadas de férias no rio Araguaia se firmassem como uma atividade sociocultural tradicional desenvolvida, especialmente, pelos goianos.

Os longos anos de atividade turística em suas águas tem se mostrado uma atividade danosa para o sistema rio Araguaia. Toda essa dinâmica, suscitada pela atividade do turismo, impacta o seu universo hídrico. Estressado, o rio tem apresentado sinais de sua exaustão. A cada ano que passa é maior o volume de areia depositado no leito do Araguaia. Se para os turistas esta é uma informação alvissareira, uma vez que com maior quantidade de areia aumentam as ocorrências de praias; os organismos ambientais, os defensores do rio, os cientistas sociais têm acompanhado o processo com ressalvas.

A preocupação acima enunciada se faz pertinente. Isso porque, a maior quantidade de areia no leito do rio implica em menor volume de água circulando. O que confirma a inferência de que o sistema rio Araguaia encontra-se impactado pelas atividades antrópicas aí desenvolvidas. Worster, ao discorrer sobre as configurações de um sistema, aponta para suas características de interdependência, de interação. Nas palavras de Worster (1991:204):

Quando organismos de muitas espécies se reúnem, eles formam comunidades de composição geralmente bastante diversificada, ou, como se diz hoje mais comumente, ecossistemas. Um ecossistema



## É chegada a temporada de praias: com a palavra o rio Araguaia

é a mais ampla generalização feita na ciência, compreendendo tanto os elementos orgânicos como inorgânicos da natureza reunidos num único local, todos em relação ativa e recíproca. O palavreado derivado dos estudos "sistemas" pode-se tomar mistificada e cheio de jargões. O American Heritage Dictionary define sistema como "um grupo de elementos em interação, inter-relação ou interdependência, que forma, ou que parece formar, uma entidade coletiva". Pode-se, então, falar de sistemas na natureza, na tecnologia, na economia, ou no pensamento e na cultura. E todos esses sistemas podem, por sua vez, ser encarados como estando em interação sistêmica (...).

Considerando a fala do autor, nos é lícito afirmar que os danos ocasionados pela intensa demanda do rio Araguaia no período da temporada, exaurem o sistema natureza do rio. Ao nos reportarmos ao referido sistema, consideramos, portanto, os animais, as plantas, as águas, o próprio rio em si. Durante nossas incursões pelas praias de água doce, fomos acompanhados por um barqueiro local e por um dos líderes da Aldeia Buridina<sup>3</sup>. Ambos falaram sobre o sofrimento do rio neste período de intenso trânsito de turistas.

De acordo com o barqueiro "Tatu", como ele mesmo se nomina, "fica até difícil e perigoso manobrar o barco no rio nestes períodos. O volume de embarcações cresce absurdamente". Contou-nos dos acidentes que ocorrem, porque além das embarcações locais, muitos turistas levam as suas próprias embarcações náuticas. Não raras vezes registram-se acidentes envolvendo *jet skis* e embarcações de passageiros ou mesmo atropelamento de pessoas na orla do rio.

Percorremos a estrada líquida de nome Araguaia. Nosso destino do dia era o acampamento da Associação do Pessoal da Caixa Econômica Federal de Goiás -

---

<sup>3</sup> Neste estudo, adotamos uma metodologia que, a nosso ver nos permitiu identificar de forma global a dinâmica e as estratégias desenvolvidas no rio Araguaia no decorrer da temporada de praias. Para tanto, foram aplicados questionários semielaborados, realizadas entrevistas orais, registros fotográficos e observação holística da paisagem do rio Araguaia. Dividimos os entrevistados em três distintos grupos, a saber: 1º grupo: moradores da cidade de Aruanã-GO, aqui inseridos os moradores da aldeia Buridina; 2º grupo: Turistas em férias hospedados na cidade de Aruanã e/ou nos acampamentos; 3º grupo: Comerciantes da cidade de Aruanã-GO e donos e/ou responsáveis dos/pelos acampamentos. Nosso universo amostral totalizou 30 sujeitos entrevistados.



## É chegada a temporada de praias: com a palavra o rio Araguaia

APCEF/GO. Este encontrava-se localizado a montante do porto da cidade, aproximadamente 07km. Nosso objetivo era entender a lógica dos acampamentos e também conhecer a estrutura montada nos mesmos. Fomos recebidos pela funcionária responsável pelo espaço. Prontamente ela nos informou estarem montados ali, para acolher os acampados, 59 chalés, além da área de *camping*. No espaço coletivo do acampamento, em uma área central e próxima ao rio Araguaia, foi montado um rancho no qual estavam instalados o restaurante e o bar. Ao lado dessa estrutura foi montado um espaço de lazer para atender às crianças.

Na área do rancho, foi projetado um palco para apresentações musicais nos finais de semana. O acampamento contava com a presença de dois salva-vidas, uma educadora física, a equipe da cozinha, da limpeza e do bar. De acordo com as informações recebidas todos os referidos funcionários foram cooptados na capital do estado, Goiânia. Aos trabalhadores locais foi relegada a função de escolha da praia para implantação do acampamento e, ao término da temporada, a desmontagem do mesmo. Nas palavras da funcionária dentre as ações esperadas estava a de que as fossas que servem ao acampamento fossem aterradas e as palhas utilizadas na cobertura fossem recolhidas e queimadas em local fora do rio Araguaia.

Perguntamos à mesma acerca da estrutura dos chalés. Ao que ela nos informou que estes ofertavam como parte de suas comodidades luz elétrica – gerador – chuveiro e banheiro. Perguntamos então se era banheiro químico, ao que ela redarguiu que não. No acampamento, quando da montagem, os chalés eram construídos em coluna dupla, um de costas para o outro (vide figuras abaixo). No meio, entre as construções, fossas – as quais não foram classificadas como sépticas ou negras – eram cavadas para atender à demanda.



## É chegada a temporada de praias: com a palavra o rio Araguaia



Figura 01- Estrutura dos chalés construídos no acampamento APCE-GO. Destaque para o cano “enterrado” no chão. Figura 02- Cano que serve de suspiro para as fossas entre os chalés. Figura 03- Estrutura sanitária dos chalés. Figura 04- Localização dos chalés em relação ao rio Araguaia. Fonte: SILVA, Eliete Barbosa de Brito. 2017.

Prosseguimos com nossa incursão pelo acampamento. Entretanto, algo nos incomodava. Ao mencionar o sistema de captação de resíduos sólidos do acampamento, nossa cicerone nos informou que os detritos das fossas dos chalés, bem como da cozinha, eram encaminhados para uma fossa maior localizada na área do acampamento. Ou seja, todos os dejetos ali produzidos, ao término da temporada de praia, ficariam acondicionados nestas fossas que, em tese, seriam entupidas.

A lógica não fechava, pensávamos nós. Isso porque, considerando a área do acampamento, em sua parte mais alta, este encontrava-se acima do nível da água do rio uns dois metros, aproximadamente. Pois bem, as referidas fossas não poderiam alcançar profundidade superior a estas medidas. Outro fator a ser considerado é que, por ser um rio altamente dinâmico, por carregar em seu leito quantidade expressiva de areia, no período



## É chegada a temporada de praias: com a palavra o rio Araguaia

da cheia todas as ilhas que antes existiam migrariam. Ao migrar, tudo o que sobre elas ou em seu subsolo estivesse “enterrado”, migraria também.

Retornamos ao curso do rio para visitarmos dois outros acampamentos. Um, estabelecido na “Praia do Cavalo” e outro, de frente para o porto da cidade de Aruanã-GO, cuja praia foi nomeada por um turista “Praia da Gota”. Observamos a pertinência do nome atribuído. Ao longe, a forma assumida pela areia do rio lembrava uma gota d’água. No acampamento da Praia do Cavalo, conversamos com o responsável. Este afirmou que o trabalho com o turismo já é uma tradição de família, são trinta anos de atividade.

Além de administrar o acampamento, nosso entrevistado é também barqueiro. Faz o transporte dos turistas por todo o rio. A estrutura do acampamento Praia do Cavalo é menos sofisticada que a do acampamento anteriormente visitado. O espaço, embora abrigue alguns chalés, foi basicamente preparado para que o turista passe o dia. Composto a estrutura ofertada aos banhistas, o acampamento conta com um complexo de lazer que oferta brinquedos infláveis para crianças e adultos.

De acordo com o responsável pelo espaço, o trabalho ali é uma atividade familiar. Este é executado por ele, a esposa, os dois filhos e um sobrinho. O espaço de convivência foi montado seguindo a lógica do acampamento anterior. Um grande rancho com restaurantes, tendo as áreas de camping e chalés ao largo. Procuramos pela estrutura das instalações sanitárias, ao que fomos informados de que as mesmas ofereciam apenas o vaso sanitário, sendo que o banho era nas águas do rio. Sobre o depósito dos resíduos sólidos, o responsável pelo acampamento nos informou que estes eram depositados em fossas escavadas na área do acampamento. Ao término da temporada, estas seriam entupidas.

Observamos que a estrutura organizada para atender ao turista aparentemente não apresentava uma preocupação em poupar o rio. As mesas e cadeiras foram distribuídas dentro da água do rio (vide figura abaixo), ali crianças e adultos se divertiam e injetavam uma mistura de protetor solar, produtos para o bronzeamento, repelente de insetos diretamente no curso hídrico. Confirmando-se desta forma, nossa inferência alhures



## É chegada a temporada de praias: com a palavra o rio Araguaia

exposta de que a prática do turismo se faz danosa ao sistema rio Araguaia no que tange às questões ambientais.



Figura 05- Mesas colocadas dentro das águas do para atender aos turistas. Figura 06- Estrutura do acampamento Praia do cavalo. Figura 07- Complexo de lazer para divertir os banhistas. Figura 08- “Musas cervejeiras” abordando os turistas para um foto com direito a brinde da marca de cerveja oficial do acampamento. Fonte: SILVA, Eliete Barbosa de Brito. 2017.

Um fato chamou-nos a atenção no acampamento Praia do Cavalo. Os turistas eram constantemente abordados por lindas mulheres, que os instava a beber a marca de cerveja por elas representada e que, diga-se de passagem, era a única ali ofertada. Como uma espécie de compensação elas tiravam fotos que, segundo informaram, seriam postadas no blog da marca e presenteavam os banhistas com viseiras com o nome da cerveja estampada. A cena remeteu-me ao poema de Drumond: Eu, etiqueta. Constatei, assim como o poeta, que somos aquilo que consumimos e importamos na medida em que nos tornamos consumidores. E assim, com os versos do poeta a ecoarem em nossos pensamentos, nos despedimos do acampamento Praia do Cavalo.



## Ê chegada a temporada de praias: com a palavra o rio Araguaia

(...) Onde terei jogado fora  
meu gosto e capacidade de escolher,  
minhas idiossincrasias tão pessoais,  
tão minhas que no rosto se espelhavam  
e cada gesto, cada olhar  
cada vinco da roupa  
sou gravado de forma universal,  
saio da estamparia, não de casa,  
da vitrine me tiram, recolocam,  
objeto pulsante mas objeto  
que se oferece como signo de outros  
objetos estáticos, tarifados.  
Por me ostentar assim, tão orgulhoso  
de ser não eu, mas artigo industrial,  
peço que meu nome retifiquem.  
Já não me convém o título de homem.  
Meu nome novo é coisa.  
Eu sou a coisa, coisamente

Carlos Drumond de Andrade

Novamente, barco a prumo, direcionamo-nos para a Ilha da Gota. Esta foi assim batizada por sua forma física, que se assemelhava a uma gota d'água. Na referida ilha foi construído o acampamento do “Carlinhos da isca”. Este acampamento, pela lógica dos demais visitados, é o mais próximo da cidade de Aruanã. Fica exatamente defronte ao Porto de Aruanã. Neste acampamento, o atendimento aos turistas não inclui área de camping ou hospedagem. Tal se justifica pela proximidade com a cidade.

A estrutura física do acampamento restringe-se à área do rancho, recorrência em todos os demais acampamentos, uma área de lazer que oferecia alguns brinquedos infláveis, desta feita apenas para crianças e o bar. Perguntamos ao responsável pelo acampamento acerca da mão de obra ali empregada. Ele nos informou que trabalhavam ali ele, sua esposa e filhos. Aspecto coincidente com o acampamento Praia do Cavalo.

Na imagem que segue é possível observar a presença de um banheiro coletivo, o único do acampamento. A localização do mesmo ficava uns três metros distante do rio Araguaia. A fossa escavada para atender à coleta dos detritos localizava-se um pouco mais acima do lugar onde o sanitário foi instalado. O lixo orgânico da cozinha do bar era também cooptado para a referida fossa. Por ser um acampamento que não oferece estadia, concluímos que o volume de detritos gerados tenha sido inferior aos demais visitados.

Entretanto, a proximidade com o porto da cidade, certamente fazia dele o local de referência para aqueles que não abrem mão do conforto de um banho quente, de uma cama confortável aliado à experiência de um dia em um acampamento no rio Araguaia. Fato é que o administrador do acampamento nos informou que o bar da “Ilha da Gota” ficava aberto até que o último turista se retirasse. Observamos algumas bananeiras “plantadas” nas areias da ilha. Ao perguntarmos sobre, obtivemos a resposta de que ao término da temporada elas seriam retiradas juntamente com o material utilizado para erguer o rancho. Nas palavras do rancheiro, “estavam ali para enfeitar. Para parecer que era parte da natureza”. Ou seja, o contato com a “natureza” do rio é concebido enquanto atrativo para os turistas.

Todos os rancheiros com os quais falamos mostraram-se preocupados com a preservação do rio Araguaia. Entretanto, pelo que pudemos aferir, a maior preocupação concentra-se nos usos que fazem do rio os grandes agricultores. Em momento algum foi mencionada a necessidade de empreender um manejo consciente da riqueza do rio Araguaia. Percebem os indícios de esgotamento do rio, porém não têm cabedal para lidar com a problemática.

Eliete Barbosa de Brito Silva  
Leandro Mendes Rocha



Figura 09- Estrutura física do acampamento do Carlinhos da isca. Figura 10- Em segundo plano bananeiras “plantadas na Ilha da Gota”. Em terceiro plano, brinquedo inflável para atender aos turistas e barcos de transporte de turistas. Em quarto plano, Vapor particular que explora o passeio pelo rio em alta temporada. Em último plano, barreira de contenção erguida no porto de Aruanã para conter a erosão das margens do rio. Figura 11- Estrutura sanitária erguida no acampamento do Carlinhos da isca. Fonte: SILVA, Eliete Barbosa de Brito. 2017.

De acordo com o administrador do acampamento, a ilha onde estavam sediados “não aparecia há pelo menos três anos”. Segundo o mesmo, “a baixa das águas neste ano de 20017 fez com que ela retornasse em um ponto mais abaixo daquele onde surgiu pela primeira vez”. Perguntamos sobre o motivo pelo qual a ilha flutuante demorara tanto a retornar às águas do rio Araguaia. Ao que ele nos explicou que “tudo depende da vontade do rio. É ele quem decide onde e quando vai deixar a ilha aparecer”. A nosso ver, a “vontade do rio” encontra-se imbricada nos danos ambientais que este sofre em seu longo curso.

Quanto maior a sua degradação, maior a quantidade de ilhas fluviais a brotar em seu leito. O pensamento exposto coaduna com Leite e Anguita (2017:107) quando os mesmos afirmam que “ A apropriação da natureza pela ação humana tem ocasionado, em grande medida, a degradação ambiental do planeta. Dito de outra forma, quanto maior for o potencial mercadológico do universo natureza, maior será a sua degradação. O rio Araguaia está gritando a plenos pulmões, clama por atenção.

Eliete Barbosa de Brito Silva  
Leandro Mendes Rocha

As idas e vindas pelas águas do rio Araguaia percorrendo os acampamentos, chamou-nos a atenção para um outro indicador de exaustão do rio. Suas margens encontravam-se em processo acelerado de desbarrancamento. Perguntamos ao nosso guia/barqueiro sobre aquela ocorrência ao que ele afirmou ser comum naquela época do ano. Segundo o mesmo com o aumento no trânsito das embarcações, formam-se mais e com maior frequência ondas que “lavam” o barranco.

Esse processo de estressamento das margens é algo que na natureza ocorre espontaneamente. Entretanto, o que presenciamos ali naquele instante foi uma intensificação do mesmo. Assim sendo, os efeitos que, em um ritmo natural, levariam anos para se fazer sentir, nas circunstâncias atuais, promovem o desbarrancamento em, no máximo uma semana.



Figura 12- Palhas retiradas da cobertura dos acampamentos e descartada nas margens do rio Araguaia. Figuras 13 e 14- Margens do rio em avançado processo de desbarrancamento. Figura 15- Construção ribeirinha ameaçada pelo avanço da erosão causada pela lavagem das margens do rio Araguaia. Fonte: SILVA, Eliete Barbosa de Brito. 2017.

O que se observa é que não há, por parte dos órgãos competentes, um controle do fluxo e do trânsito de embarcações nas águas do rio Araguaia. Não estamos aqui a nos referir às canoas e barcos dos moradores de Aruanã. Estamos nos remetendo neste momento às lanchas e *jet skis* que pululam

pelas águas do Araguaia na alta temporada. Por si só, o trânsito dessas máquinas não teria ação tão nociva e nefasta se a vegetação ciliar não houvesse sido removida.

O fato de o rio ser exaustivamente solicitado no período praias é agravante. Uma vez que intensifica o processo de degradação. Ocasiona lesões ao sistema rio Araguaia. Desaloja animais silvestres, impede a livre circulação dos povos tradicionais e dos ribeirinhos, afasta os peixes. A constatação do exposto, levou-nos à inferência de que as águas do rio Araguaia recebem, quando do período das cheias todos os resíduos sólidos ali depositados na temporada. As margens sofrem um acelerado processo de degradação.

Observamos que aqueles que exploram, comercialmente, o ambiente da natureza são os mesmos a depreda-lo. Não parece haver uma preocupação em preservar. Contraditoriamente, o que se observa é que quanto maiores as possibilidades de exploração, maior a degradação imposta. Por tal enunciado, é lícito afirmar que o rio que ora se deslinda para nós é resultante da ação antrópica, sendo, pois, uma sua criação. Entretanto, a mesma condição que gesta o rio enquanto uma ação humana, torna o homem filho deste rio. Assim sendo, há um embricamento no existir desses sujeitos. O desaparecimento de um implica a penúria do outro.

Sabemos serem as questões aqui abordadas apenas o cume do *iceberg* submerso. Baseando-nos nas problemáticas suscitadas no decurso do trabalho de campo, inferimos que urge ouvirmos a voz do rio Araguaia. Ele nos fala em minúcias de suas agruras. Não sabemos se existe uma solução elaborada para os problemas evidenciados. Porém, um fato se interpõe aos demais; o rio é um sujeito polissêmico. Traz em si a subjetividade dos sujeitos de seu sistema. Suas águas transportam as histórias colhidas nos barrancos das cidades por onde serpenteia. Assim sendo, se quisermos salvar o rio, comecemos por ouvir o rio.

### **Bibliografia**

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *História. A arte de inventar o passado: ensaios de teoria da história*. Edusc. Bauru -SP, 2007. 256p.

ALMEIDA, Maria Geralda de. et al. (org.). *Geografia e Cultura: os lugares da vida e as vidas dos lugares*. Ed. Vieira. Goiânia, 2008. 313p. il.

ALMEIDA, Maria Geralda de. (Org.). *Tantos Cerrados: múltiplas abordagens sobre a biodiversidade e singularidade cultural*. Editora Vieira. Goiânia, 2005. 348p.

ALMEIDA, Maria Geralda, *Invenção e Construção de Objeto Turístico*. Cultura, 1998.

- ANDRADE, Carlos Drumond. *Obra poética, Volumes 4-6*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1989.
- ARRAIS, Tadeu Alencar et al. Impacto da atividade turística nas receitas públicas municipais: o caso de Aruanã-Goiás (Brasil). *Éliséc, Rev. Geo. UEG – Anápolis*, v.2, n.2, p.25-51, jul./dez. 2013.
- BERTRAN, Paulo. *História da Terra e do Homem no Planalto Central: eco-história do Distrito Federal*. Ed. UnB. Brasília-DF, 2011. 615p.
- BORGES, Durval Rosa. *Rio Araguaia – Corpo e alma*. São Paulo: IBRASA/EDUSP, 1987. 403p.
- CABRAL, Diogo de Carvalho. A bacia hidrográfica como unidade de análise em história ambiental. *Revista de História Regional* 12(1): 133-162, Verão, 2007.
- CAIADO, Leolidio. *Araguaia – O rio da vida*. Goiânia: Kelps, 1999.
- CHAVEIRO, Eguimar Felício. Os povos indígenas Karajá de Aruanã-GO e os conflitos da apropriação do Cerrado: os múltiplos sentidos do etnoturismo. In: *Etnodesenvolvimento e Gestão Territorial: comunidades indígenas e quilombolas*. LIMA, I. B. de, (org.). Editora CRV - Curitiba 2015. pp.123-137.
- CARVALHO, Francisquinha Laranjeira. *Nas águas do Araguaia: a navegação e a hibridez cultural*. Dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Católica de Goiás. Goiânia-GO, 2008. 179fl. il.
- CARVALHO, Francisquinha Laranjeira; CAVALCANTE, Maria do Espírito Santo Rosa. *Rio Araguaia: o caminho dos sertões*. *História Revista*, Goiânia, v. 14, n. 2, p. 417-432, jul./dez. 2009.
- CAVALCANTE, Maria do Espírito Santo Rosa. Um rio que passou: o discurso do atraso em perspectiva. p. 157-162. In: GANDARA, Gercinair Silvério.; ROCHA, Leandro Mendes; VIDAL, Laurent. (Orgs.). *História dos Rios no Brasil*. *Revista Mosaico*, v. 1, n. 2, jul./dez., 2008.
- DEL RIO, Vicente; OLIVEIRA, Livia de. (org.) *Percepção Ambiental – A experiência brasileira*. São Paulo: Studio Nobel, 1996.
- DE SENA, Caio Cesar Alencar, & CHAVEIRO, Eguimar Felício. "Etnoturismo no Cerrado de Goiás: espaço étnico e turismo indígena na Chapada dos Veadeiros–Brasil." In: *Observatório América Latina. Anais do EGAL*, 2014. Disponível em:  
<<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal14/Geografiasocioeconomica/Geografiaturistica/19.pdf>> Acesso em: 12/08/15.
- DRUMMOND, José Augusto. A história ambiental e o choque das civilizações. *Revista Ambiente e Sociedade- Ano II- N°5- 2º Semestre de 1999*.
- \_\_\_\_\_. A história ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 4, n.8, p. 177-197, 1991.

- ELIAS, Norbert. Sobre o tempo. Editora: Jorge Zahar. Rio de Janeiro, 1998. 165p.
- FRANCO, José Luiz de Andrade et al. (orgs.) História Ambiental: fronteiras, recursos naturais e conservação da natureza. Rio de Janeiro: Garamond, 2012. 392p.
- \_\_\_\_\_. A História Ambiental no Brasil e os seus clássicos. Revista Sociedade e Estado, Brasília, v. 18, n. 1/2, p.389-394, jan./dez., 2003.
- GANDARA, Gercinair Silvério. Cidades-beira: raízes urbanas e suas relações com o ambiente/natureza. Anais do XXVII Simpósio Nacional de História. Natal - RN. 2013.
- GANDARA, Gercinair Silvério. (org.); CARVALHO, Eugenio Rezende de. (Coord.). Rios e cidades...olhares da História e Meio Ambiente. Ed. da PUC Goiás. Goiânia, 2010.
- GANDARA, Gercinair Silvério; ROCHA, Leandro Mendes; VIDAL, Laurent. (Orgs.). História dos Rios no Brasil. Revista Mosaico, v. 1, n. 2, jul./dez., 2008.
- GARCIA, José Godoy. Araguaia Mansidão. Goiânia: Oriente, 1972.
- GARRIDO, Joan del Alcàzar i. As fontes orais na pesquisa histórica: uma contribuição ao debate. Revista Brasileira de História, São Paulo, v.13, n.25/26, set.192-ago./93, p.33.
- GOMES, Horieste. et al. Geografia: Goiás-Tocantins. Editora: UFG. 2ª ed. Goiânia, 2005. 270p.
- GOMES, Horieste. (coord.) Universo do Cerrado. Volume I. Editora: UCG. Goiânia, 2008. 279p.
- \_\_\_\_\_. Universo do Cerrado. Volume II. Editora: UCG. Goiânia, 2008. 279p.
- GRATÃO, Lucia Helena Batista. (À) Luz da Imaginação! “O RIO” se revela na voz dos personagens do LUGAR-ARAGUAIA! Simpósio Nacional sobre Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente. Londrina, 2005.
- \_\_\_\_\_. A Poética d’ “O RIO” – ARAGUAIA! De Cheias... & Vazantes... (À) Luz da Imaginação! 2001. Tese (Doutorado/ Geografia), FFLCH – USP, São Paulo, 2002.
- \_\_\_\_\_. No Caminho d’ O Rio – Uma expressão do encontro do homem com a natureza e/ou do encontro consigo mesmo? In: V CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 1994. Resumos... Curitiba: AGB, 1994. p. 150-151.
- \_\_\_\_\_. O Caminho d’ O Rio – Uma expressão músico(ECO)lógica: uma experiência didático/pedagógica/conceitual. In: IX ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 1992. Resumos... Presidente Prudente: AGB, 1992. p. 101.
- GÜNTHER, Hartmut. Pesquisa Qualitativa *Versus* Pesquisa Quantitativa: Esta É a Questão? Psicologia: Teoria e Pesquisa. Mai-Ago 2006, Vol. 22 n. 2, pp.201-210.
- INGOLD, Tim. Being Alive: Essays on Movement, Knowledge and Description. London: Routledge, 2011.

- LEEF, Enrique. (coordenador). A complexidade ambiental. Trad. Eliete Wolff. Ed. Cortez. São Paulo, 2003. 342p.
- LEFF, Enrique. Construindo a História Ambiental da América Latina. 2001.
- LEFEVRE, Fernando; LEFEVRE, Ana Maria Cavalcanti. Pesquisa de representação social: um enfoque quali-quantitativo: a metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo. Editora: Liber Livro. Brasília, 2010. 224p.
- LEITE, Michele Benetti.; ANGUIA, Paulo Martínez de. Classificação das políticas públicas relacionadas com os serviços ecossistêmicos no território brasileiro. Boletim Goiano de Geografia (Online). Goiânia, v.37, n.1. p. 106-121, jan./abr. 2017.
- LEONARDI, Victor. Os historiadores e os rios – natureza e ruína na Amazônia brasileira. Brasília: Paralelo 15: Editora Universidade de Brasília, 1999. 272p
- LIMA, Maria Luiza Crespo Dantas. O olhar Karajá sobre a natureza. Dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente da Universidade Federal do Tocantins. Palmas, 2004. 150 fl. il.
- LIMA, Sélvia Carneiro.; Chaveiro, Eguimar Felício. Povos indígenas do Cerrado: conflitos territoriais dos Karajá de Aruanã-GO. Goiânia: Seduc, 2010. v. 01. 140p.
- MAGALHÃES, José Couto de. Viagem ao Araguaia. Editora Três. São Paulo, 1974. 199p.
- MARTINEZ, Paulo Henrique. Brasil: desafios para uma História Ambiental. Nómadas (Col), núm. 22, abril, 2005, PP. 26-35.
- \_\_\_\_\_. O sentido da devastação: para uma História Ambiental no Brasil. Revista Esboços n. 13, 2007.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Manual de história oral. São Paulo: Loyola, 2005.
- MELO, Jonas Israel de Sousa. O rio Araguaia: povoamento e mudanças na paisagem (1513-1967) Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em História das Sociedades agrárias no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2000. 147fl.
- MORAIS, Roberto Prado de. A Planície Aluvial do Médio Araguaia: processos geomorfológicos e suas implicações ambientais. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais. Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2006. 178fl.
- MOSS, Gérard; MOSS, Margi. Brasil das Águas - Sete Rios: revelando o azul do verde e amarelo. Petrobras. Brasília- DF, 2007.
- NUNES, Eduardo Soares. Aldeias urbanas ou Cidades indígenas? Reflexões sobre índios e cidades. Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 4, n. 1, p. 9-30, jan./jun. 2010.

- OLIVEIRA, Lúcia Lippi. (org.). Cidade: história e desafios. Ed. Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 2002.
- OLIVEIRA, Maria de Fátima. Cidades ribeirinhas do rio Tocantins: identidades e fronteiras. Tese de doutoramento defendida no Programa de Pós-Graduação do Departamento de História da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2007. 224 fl. il.
- OLIVEIRA, Maria de Fátima; ROCHA, Leandro Mendes. Memórias de um Rio Afogado: Tocantins 1914-2014. Fronteiras: Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente, v. 3, p. 66-77, 2014.
- PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. Estudos Avançados 24 (68), 2010.
- PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. “Navegar é preciso; viver não é preciso”: estudo sobre o Projeto de Perenização da Hidrovia dos Rios das Mortes, Araguaia e Tocantins. Terra Livre, São Paulo, n.15, p.167- 213. 2000.
- \_\_\_\_\_. A globalização da natureza e a natureza da globalização – 5ª ed. – Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 2013. 461p.
- RAMOS, Laura Marina Jaime. Romaria das Águas: ambiente, afeto e representações nas praias do Rio Araguaia-GO. Goiânia, 2011. 238 f.
- RIBAS, Fabrícia Alves et al. Auditoria Ambiental de Certificação de Acampamentos. Monografia apresentada à Faculdade Oswaldo Cruz. Goiânia, 2008. 151fl.
- ROCHA, Leandro Mendes. Aruanã-GO: identidades e fronteiras étnicas no Rio Araguaia. Revista Mosaico, v.1, n.2, p.123-132, jul./dez., 2008.
- ROMÃO, Anne Caroline Alves. Aruanã temporada 2010: Imagem, Mídia e Turismo. Revista Visão Acadêmica; nº 4, maio de 2012.
- SANTOS, Jean Carlos Vieira. Região e destino turístico: sujeitos sensibilizados na geografia dos lugares. All Print Editora. São Paulo, 2013.
- SANTOS, Marcos Pereira dos. Pesquisas científicas de abordagem quali quantitativa: o impasse dos intelectuais. Disponível em:  
<<http://www.professornews.com.br/index.php/component/content/article/96-artigos/6041>>.  
Acesso em: 15/03/15.
- SCANDURRA, Enzo. Natureza e Cidade. Margem, São Paulo, n. 15, p. 135-152, jun. 2002.
- SILVA, Gilmar Elias Rodrigues; BORGES, Júlio César Pereira. Do útero do rio Araguaia ao colo do Cerrado: conflitos e resistência dos povos Karajá, Aruanã-GO. 2013. Anais do I Colóquio Turismo em Terras Indígenas. Goiânia, 2013.
- SILVA, Tomáz Tadeu. (org.) Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. 10ª ed. Ed. Vozes. Petrópolis-RJ, 2011. 133p.

Eliete Barbosa de Brito Silva  
Leandro Mendes Rocha

SOUZA, Fabíula Sevilha de. Rios e terras: história ambiental de Goiás (1822-1850). Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista. Assis, 2013. 214 f.: il.

SOUZA, Fabio Chaveiro de.; ALMEIDA, Maria Geralda de. Turismo no Araguaia. Anais do XIII Encontro Nacional de Geógrafos. João Pessoa, 2002.

TEIXEIRA, Elizabeth. As três metodologias: acadêmica, da ciência e da pesquisa/10.ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. 207p.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. Educação ambiental: natureza razão e história. Campinas, SP: Autores associados, 2004.

\_\_\_\_\_. Pesquisa-ação em Educação Ambiental. Pesquisa em Educação Ambiental, vol. 3, n. 1 – pp. 155-169, 2008.

TUAN, Yi-Fu. Topoflia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução de Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

VALENTE, Cidney Rodrigues. Impacto do desmatamento do Cerrado nos recursos hídricos superficiais. Anais XV Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto. SBSR, Curitiba, PR, Brasil, 30 de abril a 05 de maio de 2011, INPE p. 2804.

WORSTER, Donald. Para fazer História Ambiental. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 4, n. 8, 1991, p. 198-215.

**ABSTRACT (OU RESUMO, OU RESUMEN):**

The present article is the result of the field work carried out in the city of Aruanã-GO. We aim in relation to observed work and collect data on the relationship between tourists and the Araguaia river in the beaches season. The same occurred in the month of July 2017. We discuss in the body of the article, from the perspective of Environmental History and Oral History, about the uses of the Araguaia river in the. Period, as well as, on the probable damages caused by the force with which it is requested by the tourists. We emphasize that the dawn of the twentieth century brought transformations in the practice of historical studies. We have seen the extension of the field of thematic approaches to historiography. In this scenario, the large and medium-sized strips appear as subjects of analysis. To be important sources of study. Based on the assertions, we reaffirm our concern, that is, as a consequence of the beaches season for the Araguaia river system. Thus, anchored in Oral History, we try to show how established relationships are established between the subjects of this analysis. For this, we adopted the quantitative methodology. It seeks other quantitative and qualitative data of the sample universe without the intention of an overall analysis of this one. Interviews were conducted with residents of the city of Aruanã-GO, with tourists and representatives of the Iny people. The latter are

É chegada a temporada de praias: com a palavra o rio Araguaia

Eliete Barbosa de Brito Silva  
Leandro Mendes Rocha

the oldest inhabitants of Araguaia. Our incursions in the projected spaces led us to infer from an increasing concern for the physical health of the Araguaia River.

**Keywords (ou Palavras-Chave, ou Palabras Clave):** Environmental History. Araguaia river. Season beaches. Impacts on the Araguaia river system